

# Ceilândia deixa de ser dormitório e investe no comércio alternativo

Ceilândia, com mais de 540 mil habitantes, há muito tempo deixou de ser apenas uma cidade-dormitório, de ser o braço forte da mão-de-obra do Plano Piloto e já se apresenta como a principal arrecadadora de impostos do DF. Mas, por trás desse crescimento acelerado se movimentou uma grande massa de pequenos comerciantes que, silenciosamente, foram armando suas barracas, apresentando de tudo um pouco e hoje já forma um dos principais "shopping" alternativos do DF: a Feira de Ceilândia ou, simplesmente, como os próprios moradores gostam de chamar, a "Feira dos Camelôs".

Instalada em estacionamentos do centro da cidade há cerca de quatro anos, aos poucos novos feirantes, levados pelas crises financeiras e desemprego, foram tomando lugar nas passarelas e calçadas até de prédios comerciais e hoje já conta com mais de 400 barracas. De roupas a produtos de beleza, calçados e artigos de enfeites, artigos domésticos, alimentos a brinquedos nacionais e importados. De tudo ela tem um pouco, como que parodiando a famosa canção celebrizada por Luiz Gonzaga sobre a Feira de

Caruaru, no sertão de Pernambuco.

É nesse ambiente de eterna liquidação que os comprados acabam sendo encantados, renovam seus guarda-roupas, complementam seus artigos de cozinha e saem maravilhados ainda com a certeza de terem feito um grande negócio. Afinal, a maioria dos vendedores traz nas veias o espírito feirante que veio aflorar em pleno Planalto Central, dando mostras de que o nordestino, que forma a maioria da população da cidade, mesmo distante da terra natal, revive esses hábitos quase que naturalmente.

A Feira de Ceilândia envolve atualmente cerca de 800 proprietários e vendedores, além de outras centenas de empregos indiretos e um faturamento que, à exceção dos tempos de crise, pode fazer inveja ao faturamento de qualquer shopping de porte médio. São ex-donas de casa, ex-funcionários públicos, ex-lavradores e feirantes de profissão e ainda os que querem somente uma ocupação para "fazer passar o tempo", como Maria José Ferreira, uma das mais antigas no local. Apesar de ter se especializado somente na venda de roupas, ela conta que, nessa área, já tra-

balhou com todos os tipos, desde roupas infantis, de adultos, masculinas, femininas, para gestantes e de gostos esotéricos, "mas tudo é difícil de vender e a gente acaba mesmo só passando o tempo", conta a feirante.

As viagens para a compra dos produtos, a pechincha por preços mais baixos e o prazer de satisfazer o "freguês", como contam os feirantes, acabam se tornando num grande divertimento. Também, pelos ossos do ofício, acabam se deparando com situações constrangedoras, como nos casos dos clientes que não ficam satisfeitos com o produto adquirido. Maria José Ferreira disse que além desses casos é muito frequente o comprador provocar alguma discussão inconveniente sobre o preço da mercadoria. "Ontem aconteceu um caso desses. O sujeito queria por tudo que eu vendesse uma calça pelo preço bem abaixo do que comprei e saiu chateado dizendo palavras porque não vendi pelo preço que ele queria", revelou a feirante lamentando ter voltado para casa sem vender uma única peça. "Mas a nossa vida é essa mesmo e todos os dias estamos firmes no batente", concluiu.

CORREIO BRAZILIENSE

05-NOV-1990